

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

Television fiction as space of meaning attribution and identity constitution: in the boundaries between reality and fiction

Marcia Perencin Tondato

Graduada em Publicidade e mestre em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp; doutora em Comunicação, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP; docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM.

E-mail: mp.tondato@uol.com.br.

Resumo

Este artigo traz uma reflexão sobre comunicação, consumo e constituição de identidades no contexto da convergência tecnológica. O objeto empírico é a recepção da telenovela “Viver a vida” e do *blog* “Sonhos de Luciana”, entendido como elemento narrativo complementar da telenovela. Considerando este *blog* como extensão da trama televisiva, ao se manter em constante diálogo com esta embora funcione de forma autônoma, o presente estudo privilegia a ficção televisiva de sinal aberto para entender as interações tecnológicas que ocorrem na sociedade, pensando as relações entre ficção e realidade.

Palavras-chave: Comunicação. Consumo. Tecnologia. Ficção. Recepção.

Abstract

This article brings a reflection on communication, consumption and identity constitution in the context of technological convergence. The empirical object is the audience of the telenovela “Viver a Vida” and the *blog* “Luciana’s Dreams”, understood as a complementary narrative element of this telenovela. Considering this *blog* as an extension of the telenovela plot, being in constant dialog with it although it works independently, this study privileges the open signal television fiction to understand the technological interactions that take place in the society thinking about the relations between fiction and reality.

Keywords: Communication. Consumption. Technology. Fiction. Audience.

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

1. Introdução

Ficção e realidade são duas faces de uma mesma moeda, largamente estudada no âmbito da intersecção mídia-sociedade. Hoje, o espaço virtual se confunde com o físico, fazendo com que a mediação tecnológica deixe “de ser meramente instrumental para se converter em estrutural”, e mude “o lugar da cultura na sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2003: 228), tornando tal intersecção constitutiva da atribuição de significados ao próprio cotidiano. No meio televisão, a ficção se apresenta como “um denso território de redefinições culturais identitárias” (LOPES, 2010: 5), levando seus estudiosos a pensarem as narrativas ficcionais midiáticas como espaços de negociações entre os sentidos das rotinas do cotidiano e as complexidades de um mundo tecnológico, midiaticizado e globalizado.

Paralelamente, com Martín-Barbero (1997: 289), pensa-se a comunicação junto com o consumo, com base na perspectiva de um “viver simbólico” para além dos aspectos mercadológicos ou, mesmo, ideológicos. Slater (2002: 18) apresentou a cultura do consumo como um sistema em que este é “dominado pelo consumo de mercadorias, e onde a reprodução cultural é geralmente compreendida como algo a ser realizado por meio de exercício do livre-arbítrio pessoal na esfera privada da vida cotidiana”. Esta “esfera privada da vida cotidiana” engloba as “ações e expressões carregadas de significados construídos pelos próprios indivíduos que as estão produzindo, percebendo e interpretando, no curso de sua vida e cultura do consumo como um acordo social, mediado pelo mercado”, definidoras de uma cultura (MARTÍN-BARBERO, 1997: 193).

Além disso, no cenário da comunicação latino-americana, pensar a comunicação significa incluir a televisão e, mais especificamente, a ficção, que cada vez mais é veículo de tradução de questões sociais, públicas, além dos aspectos da vida privada, já amplamente abordados em estudos sobre a temática.

As narrativas ficcionais refletem e refratam questões culturais, sendo também discursos. Discursos que transmitem identidades individuais e coletivas. Como coletivas, reforça-se aqui, se inserem na cultura do consumo. Nesse contexto, todos os caminhos são relevantes para a inserção do maior número possível de pessoas nos universos simbólicos. Assim como os demais gêneros televisivos, também, e talvez principalmente, a telenovela serve para divulgação e propagação de novos estilos e modos de vida, práticas cotidianas diferenciadas e inovações tecnológicas, promovendo desejos, ampliando sensibilidades para novas expectativas de consumo.

2. Ficção x Realidade - Cotidiano x Extraordinário: intersecções no mundo virtual

A ficção é o extraordinário. A verdade de uma personagem depende mais da estrutura do romance do que da relação com a vida real (CANDIDO, 1985).

Na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, 1985: 58).

Na telenovela, estas relações são extrapoladas, organizando o cotidiano e desenvolvendo-se a partir dele. Em seu trabalho sobre a interação do universo ficcional com a realidade concreta, Motter (1996) mostrou como os meios de comunicação se apropriam da distribuição fragmentária do tempo como forma de consumo que regula a vida diária: “há o hábito cotidiano de assistir [a] telenovelas e um cotidiano dentro da telenovela, que simula um paralelismo entre rotinas: a da realidade concreta dos espectadores e a da realidade representada dos personagens”.

Na sociedade da *web*, acrescenta-se o virtual, que não é a ficção nem o real, tornando mais complexa a reflexão sobre identidades e significados. “A imersão do usuário numa realidade virtual altera a estabilidade da sua própria existência; a realidade aparece como algo mais pobre do que a experiência virtual” (VILCHES, 2003: 150)¹.

Nessa perspectiva, para discorrer sobre a relação ficção e realidade no âmbito da recepção de telenovela, em um contexto permeado pelo mundo virtual, tomou-se como base o *blog* “Sonhos de Luciana”, da telenovela “Viver a vida” (TV Globo, Manoel Carlos, 2010), entendido como extensão da trama televisiva, estando em constante diálogo com esta, ainda que de forma autônoma.

Igarza (2008) chamou a atenção para o fato de que o centro de gravidade dos estudos sobre os novos meios não pode ser restrito aos aspectos tecnológicos, seja pela sua relação com o imaginário social, que se transforma na medida em que as audiências de tornam complexas diante das possibilidades de personalização dos conteúdos, seja pela dinamização do processo cultural, iniciada pela

¹ “No âmbito da teoria social da comunicação, o real sempre foi virtual e, por isso, a realidade não interfere em nosso eu, porque não há continuidade entre o exterior (o real) e o interior (o eu). Assim, a identidade constrói-se baseada na diferença e na ausência. A linguagem é um instrumento que nos separa de nós mesmos. O real é uma construção social e nossa sociedade está construída através de mediações” [...] (VILCHES, 2003: 151).

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

globalização e reforçada pela transmediação. A complexidade do contexto contemporâneo compreende uma inter-relação entre os sentidos, em parte pelo desenvolvimento tecnológico, e o maior acesso aos meios de comunicação, promovendo mudanças rápidas das realidades sociais e culturais. Na intersecção destes processos, tem-se um sujeito-receptor, já amplamente discutido, mais interativo, mais seletivo, que faz com que a ideia tradicional de grade de programação também seja revista.

É no cotidiano, base da vida social, que estas mudanças são perceptíveis, caracterizadas pelo simbólico e pelo cultural, reforçadas pela ampliação das redes de comunicação, dos espaços de circulação da informação. Estudar esta produção de sentido torna-se mais necessária com o surgimento de formas culturais que não estão mais baseadas em um *medium*, mas em um conjunto de *media*. Com as possibilidades promovidas pelas tecnologias, a fruição do ficcional é ampliada, mais que se inserindo, imiscuindo-se no tempo real despendido com os afazeres do cotidiano, compartilhando da vivência do real.

A perspectiva da convergência total já mobiliza produtores e receptores de ficção televisiva, desencadeando uma nova prática midiática no cenário brasileiro. Os telespectadores são convocados a exercer algum tipo de participação nos programas, estabelecendo novos níveis de diálogo entre emissor e receptor (MÉDOLA & REDONDO, 2009). Médola & Redondo (2009: 146) discutiram sobre “a criação de novos espaços de comunicação e socialização” a partir das redes digitais e sobre como isso se reflete nos fluxos comunicacionais e modos de produção, distribuição e consumo dos suportes de base analógica. “A participação digital do espectador está mudando: de atividades sequenciais (assistir e, então, interagir) para atividades simultâneas, porém separadas (interagir enquanto se assiste), para uma experiência combinada (assistir e interagir num mesmo ambiente)” (MURRAY *apud* MÉDOLA & REDONDO, 2009: 150).

Parte do trabalho inicial em qualquer meio é a exploração dos limites entre o mundo de representação e o mundo real. No século XX, era comum encarar simulações elaboradas da realidade (eletrônicas e outras) como algo novo e perigoso, um distanciamento dos seres humanos em relação à experiência direta. Mas parte do assombro que se manifesta diante de eventos televisionados, museus de cera e parques temáticos imersivos, daquilo que Umberto Eco identificou como a qualidade “hiper-real” de muito da vida americana, deriva simplesmente do fato de que o sujeito precisa de um tempo para se acostumar a qualquer incremento do poder de representação (MURRAY, 2003: 106).

Citando Pierre Lévy, Lemos (2010: 159) explicou que “o virtual pode ser entendido como um processo de questionamento, de deslocamento do ‘aqui e agora’”, resultando

que “toda forma de leitura (interpretação) é um processo de virtualização e, na direção oposta, toda forma de escrita é um processo de atualização”. Partindo deste princípio, ainda com base em Lemos, “o que identificamos como realidade é consequência de condições históricas específicas, de uma percepção particular do tempo e do espaço, da natureza e do artificial, da vida e da morte”, composta por um “processo interminável de atualizações e virtualizações sucessivas”, resultando que não só a ideia de virtual seja estranha, mas também a própria ideia de realidade.

No cenário da ficção televisiva brasileira, em especial a telenovela, o telespectador está habituado² a uma dinâmica multinuclear, com várias tramas acontecendo ao mesmo tempo, entrelaçando-se. Pensando no contexto de convergência a partir da transmidialidade, que “propicia o envolvimento do espectador não mais com um filme ou programa em particular, mas com universos ficcionais mais amplos dos quais as diversas plataformas participam” (FIGUERÔA & FECHINE, 2009: 11), ainda que o *blog* “Sonhos de Luciana” não operasse exatamente no sentido da “cocriação”, ou seja, caracterizado como parte de um processo de transmediação, ele ampliou as possibilidades de interação emissão-recepção. Além disso, se for retomado Lemos (2010), houve um incremento do próprio contexto de possibilidades de realidade.

Participar disso exige um contínuo trabalho de constituição de identidades, que devem responder a necessidades múltiplas de convívio social, realização profissional e identificação emocional que se renovam a cada momento. O sujeito que disso resulta é também receptor no contexto comunicacional. Um indivíduo cuja identidade, antes integrada, consciente de sua interação com a sociedade, foi desestabilizada pelas mudanças estruturais e institucionais à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicaram, confrontando todos com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais é possível identificar a si próprio, pelo menos temporariamente (HALL, 2006: 10-13).

“Estar no mundo” é ser e pertencer, e também fazer parte dos universos simbólicos, cada vez mais caracterizados pela fragmentação, mas também pela integração, no que a comunicação tem papel central. Os meios de comunicação de massa têm sido utilizados desde os anos 1930, na época, em especial, o rádio, como mobilizadores e intermediadores nos processos de formação e difusão das identidades coletivas (nacionais), com reflexos, logicamente, nas individuais. Também já foram pensados como es-

² Aqui se usa o termo “hábito” pensando-se em uma prática de rotina que “naturaliza” o gosto (BOURDIEU, 2001), no caso, a recepção dos produtos televisivos, preferência por gêneros.

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

paço puro e simples de formação para o conhecimento e difusão educacional. No ambiente comunicacional, hoje se insere o consumo, entendido não só como apropriação de bens que carregam valores das classes dominantes, mas também justas aspirações a uma vida mais digna, o desejo de ascensão, e até uma forma de protesto e expressão de direitos elementares.

Fazer parte do mundo hoje extrapola os limites simbólicos nacionais, ou reais. É em um movimento de busca de integração que cada indivíduo se constitui em “cidadão do mundo”, inseridos numa modernização fragmentada. Na perspectiva de construção da modernidade, a ficção televisiva é um elemento decisivo, pois diz respeito ao modo como as indústrias culturais estão reorganizando as identidades coletivas e as formas de diferenciação simbólica. O que se enfatiza neste artigo é o papel da ficção televisiva neste processo.

3. Opacidades e saliências – entre a ficção e a realidade na convergência tecnológica

Pensando nas potencialidades, e realidades, das tecnologias digitais, cada vez mais fluxos de imagens e sons adentram os ambientes, privados e públicos, aproximando os indivíduos do entretenimento, da informação, da política, “reordenando percepções de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modelos de experiência e subjetividade” (KELLNER, 2001: 27).

Sousa (2000) falou da sociedade midiática na qual os meios têm um papel cada vez mais importante “não só pela presença das suas dimensões tecnológicas, mas pela dimensão da mediação social que exercem”. Em relação aos meios de comunicação tradicionais, Marcondes Filho (1999: 6) disse que se “tornaram a teia, o sangue circulante, a matéria estruturante das relações sociais, em suma, um pouco da ‘alma’ deste século”.

Verificar os sentidos produzidos pelo acesso ao *blog* “Sonhos de Luciana” em “Viver a vida” aproxima cada sujeito da compreensão do desenvolvimento da competência cultural do receptor em relação às novas tecnologias e, por conseguinte, de sua inserção na contemporaneidade e na sociedade de consumo, em que o simbólico não é restrito a ritos e rituais tradicionais, sagrados até, mas é acionado a todo e qualquer instante.

A relevância desta compreensão se dá no contexto do que Martín-Barbero (2004: 177) lembrou ao falar de novas tecnologias de comunicação e seu impacto nas sociedades e culturas da América Latina: da necessidade de reflexão sobre as relações entre estas tecnologias, culturas e identidades, fugindo ao idealismo “que opõe a tecnologia à cultu-

ra como se opõe a matéria ao espírito” e também ao “conceito de ‘efeito’ que permite, ao mesmo tempo, fragmentar o social em parcelas isoláveis de sentido e depois recompor tudo, metafisicamente, sem brechas nem conflitos”.

“Viver a vida” foi transmitida de 14 de setembro de 2009 a 14 de maio de 2010³, sendo o *blog* publicado de 8 de fevereiro a 15 de maio de 2010, inserido na trama como um recurso para a recuperação da personagem Luciana (interpretada por Alinne Moraes), modelo que ficou tetraplégica após acidente automobilístico. O campo de análise são os comentários postados pelas usuárias do *blog*, receptoras da telenovela, cujos discursos são analisados no que diz respeito à interação com o produto ficcional, recriações no ambiente virtual.

Foram analisados 476 comentários, escolhidos aleatoriamente entre os 85 dias de postagens, incluindo o primeiro e o último dia de postagem, que receberam um total de 12.716 comentários. O objetivo foi verificar a expressão daquilo que dava sentido à vida das usuárias do *blog* por meio das representações midiáticas, ampliadas pelas possibilidades tecnológicas de interação. Saber se, ou como, esta eventual “ampliação” se refletia na compreensão destas usuárias como cidadãs, com direito ao consumo simbólico e cultural, definidores do consumo material. Esta perspectiva se levantou pela compreensão de que é “por meio do caráter simbólico do consumo que o indivíduo-sujeito dialoga com a sociedade do seu tempo, informando seus interlocutores a respeito de sua identidade, seus hábitos, posicionando-se no mundo” (TONDATO, 2010: 6).

Também foram realizadas entrevistas (oito) com mulheres, entre 25 e 60 anos, com vistas a acessar o lugar social de onde tais mulheres falavam, definidor do que diziam, entendendo que era a partir desse lugar que o discurso teria um efeito de sentido. As entrevistas foram realizadas em um contexto de exploração do consumo das novas tecnologias e verificação do interesse de mulheres acima da faixa etária usualmente tipificada como usuárias da Internet. Com o cruzamento dos dois processos de coleta de dados, buscou-se levantar percepções e hábitos da intersecção: ficção-realidade-tecnologias interativas.

Dos comentários analisados, apenas 16 foram postados por homens (declarados), e 14 por crianças entre seis e 12 anos. Pelos assuntos discutidos e histórias contadas, percebe-se que a maioria eram mulheres jovens, usando vocabulário e formas características da comunicação via *e-mail*, SMS⁴. Alguns comentários, cerca de cinco, são feitos

³ Um total de 34 semanas ou 204 capítulos.

⁴ *Short Message Service*.

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

por profissionais relacionadas ao problema enfrentado pela personagem: fisioterapeutas, psicólogas.

Na análise dos comentários, é possível verificar que existia um acompanhamento do *blog* pelas receptoras da novela, que faziam deste um espaço de diálogo, o qual se desdobrava para além da trama apresentada diariamente. Partindo do desenvolvimento da trama, o capítulo mais recente ou não, as telespectadoras acessavam o *blog* para conversar com a personagem, expressando sentimentos, comentando os acontecimentos da história, relacionando-os à vida real, cotidiana. O *blog* era reapropriado como um espaço de conversa, um lugar onde trocar ideias, uma sala de visitas, talvez preenchendo uma necessidade que não era satisfeita nas relações reais, da vida cotidiana. Algumas usuárias (até) pediam retorno aos seus comentários.

No *blog*, as usuárias expressavam sentimentos que talvez dificilmente exporiam em conversas rotineiras, contavam histórias pessoais, desejavam uma rápida recuperação à personagem, parabenizando-a por sua força de vontade. O *blog* como elemento de aproximação da realidade mudou a cognição que as pessoas tinham da narrativa contada. No *blog*, Luciana era real. Na telenovela, ela era uma personagem, mas no *blog* era uma realidade com a qual as pessoas interagiam. Tendo como ponto de partida o capítulo televisionado, ou até mesmo os *posts* no *blog*, as relações se abriam. Respondendo aos momentos de dificuldade da personagem, as usuárias a consolavam, e se autoconsolavam, num movimento de reconstrução, às vezes de uma realidade dura e com poucas perspectivas de mudança.

A temática central da novela “Viver a vida”, a trajetória da personagem Luciana, foi bem recebida, uma “lição de vida”, como disseram algumas das receptoras-usuárias. No núcleo “Luciana”, a recepção de “Viver a vida” praticamente se dava em torno de duas histórias: o romance de Luciana e a luta da personagem pela recuperação de sua capacidade de movimentar-se e até andar. Com mais ênfase do que nos comentários aos *posts* do *blog*, as entrevistadas revelaram considerar importante a abordagem da temática, acreditando que tenha ajudado para a conscientização da população sobre a necessidade de inclusão dos cadeirantes.

Por outro lado, as participantes selecionadas fizeram questão de salientar que a realidade dos cadeirantes é, em muitos aspectos, bem diferente do mostrado na telenovela, principalmente pela questão dos recursos materiais a que Luciana tinha acesso. Também comentaram de forma negativa o modo como o processo de recuperação de Luciana foi ficcionalizado, pois, mesmo com os recursos financeiros, ele deveria ser mais longo, ou até menos bem-sucedido.

Nesse sentido, é importante notar que, com raríssimas exceções, tanto as usuárias do *blog* como as entrevista-

das não se ressentiram das diferenças de acesso ao conforto material entre as possibilidades da personagem Luciana e uma eventual realidade. De forma alguma, foi colocada a questão do direito ao consumo de aparelhos e/ou serviços como os que aparecem na novela⁵. Pelo contrário, usaram o fato de “ser ficção” como justificativa do que é (re)apresentado.

A recepção da ficção dos folhetins modernizados⁶, como pode ser caracterizada “Viver a vida”, tem na verossimilhança como um de seus elementos principais. Para que a obra seja aceita, deve ter alguma semelhança com a vida real, ainda que ficcionalizada. A verossimilhança ocorre quando a obra “apresenta uma multiplicidade de pormenores circunstanciais, que visam [a] dar aparência real à situação imaginária. [...] Graças ao vigor dos detalhes, à ‘veracidade’ de dados insignificantes [...] tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário” (CANDIDO, 1985: 20).

Pode-se, então, considerar que a recuperação de Luciana, relativamente “rápida” em termos temporais, tendo em vista as consequências e sequelas de um acidente como o por ela sofrido, foi aceita pelo detalhamento com que o processo foi mostrado. O uso de equipamentos, amplamente comentado e detalhado no decorrer do processo de recuperação da personagem, “substituiu” a exploração dramática do sofrimento e das privações sofridas por pessoas, da vida real, na situação da personagem, não importando a situação econômico-financeira.

Bakhtin (1999) ajudou a interpretar as relações entre ficção e realidade ao dizer que, para que algo adquira significado, tenha importância e faça parte da vida das pessoas, é preciso que seja compreensível e esteja presente no cotidiano, sendo aí que se constitui o significado das palavras, a partir da circulação das formas simbólicas. Este ambiente compreende o “estoque social” do indivíduo, de onde são extraídas as palavras como signos, que se realiza na enunciação concreta, inteiramente determinada pelas relações sociais.

Do estoque social contemporâneo faz parte a mídia que, no ambiente cada vez mais tecnológico, de interatividade, torna-se um fórum de intersecção não só de opiniões, mas

⁵ Lembrando, a personagem Luciana, vivida pela atriz Alinne Moraes, tinha à sua disposição o que há de mais moderno em termos de tecnologia de adaptação e recuperação de pacientes tetraplégicos, bem como a serviços de assistência terapêutica.

⁶ Fortemente ancorados na tradição literária que originou o gênero, combinam elementos mais visíveis do cotidiano de uma sociedade em processo de modernização. As características seriam o predomínio da identificação com o herói, através de uma arquitetura de tensão, distensão, nova tensão, distensão, cheia de reconhecimentos fictícios, falsos desenlaces (TONDATO, 1998).

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

de relações e percepções do mundo e sobre o mundo. Neste sentido, a relação real-ficcional até certo ponto colabora com a adaptação do nosso mundo interior a um cenário de realidades fragmentadas e complexas, caracterizadas pela velocidade e transformação. “Na grande obra literária (ficcional) nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes” (CANDIDO, 1985: 45).

Vilches (2003: 134) foi mais além, dizendo que, ao contrário do que muitos pensam e divulgam, o ciberespaço não se origina exclusivamente das tecnologias e da informática, mas trata-se “de um novo espaço social de comunicação, que afeta a concepção do eu e do outro”. A intersecção da exposição do drama de Luciana, nas imagens e tramas da novela e nas “confidências” publicadas no *blog*, mostra um “outro”, ainda que ficcional, tão próximo e semelhante a muitos dos “eus” receptores da telenovela, provocando nas leitoras-usuárias uma reação e relação de pura catarse e solidariedade. Na personagem, as características de humanidade eram exacerbadas, esgarçadas, explicitadas ao extremo, reunidas em uma narrativa que pretendia definir uma verdade ficcional, construída com o objetivo de entreter um público por um determinado espaço de tempo. Um entretenimento, entretanto, que é periodizado, que deve segurar a atenção e atrair a curiosidade do(a) telespectador(a) no dia, na semana seguinte, que deve “manter-se vivo” durante o intervalo entre um capítulo e outro. Por meio da semelhança, da intersecção com o cotidiano, real, isso se torna possível, refletindo e refratando a realidade a ser dramatizada (BACCEGA, 1998).

Os comentários aos *posts* eram narrativas autônomas, não se constituindo continuação ou ampliação das tramas televisionadas; pelo contrário, consistiam em relatos do cotidiano, novas narrativas que se abriam. Os comentários aos *posts* referentes à trama ficcional concentravam-se nos aspectos da vida emocional da personagem: havia uma torcida para que ela se casasse com seu médico, Miguel (Mateus Solano, que também interpretava Jorge, o irmão gêmeo), mas sempre com ênfase na esperança de seu restabelecimento, de que ela voltasse a andar e a desfilar.

Os meios promovem extensões do homem. Conforme salientou McLuhan (1995: 390-391), “nosso sistema nervoso central não é apenas uma rede elétrica [...] constitui um campo único e unificado da experiência. [...] A automação é tanto um modo de pensar quanto um modo de fazer”. A ampliação das possibilidades de interação por meio da tecnologia pode resultar em novas possibilidades de expressão, às quais “o mundo interior de cada um” vai ter oportunidade de se adaptar, resultando em novas cognições.

Nas palavras de Bahktin (1999: 112), “não é tanto a expressão que se adapta ao nosso mundo interior, mas o nosso

mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão”. A interação entre telespectadores e personagens sempre existiu, por meio das cartas enviadas às revistas especializadas, as revistas de fofocas, mas a tecnologia do *blog* permitiu ampliar esta interação, subvertendo ainda mais a relação ficção-realidade. O que era publicado no *blog* necessariamente não era veiculado na obra televisiva, mas passou a ser parte dela, dela derivava e a ela voltava, promovendo novas leituras da história. O *blog* é um canal de comunicação que se torna mensagem quando usado para troca de experiências, de narrativas de cotidianos, entre Luciana, percebida como uma “pessoa real”, e os espectadores.

Graças à seleção dos aspectos esquemáticos preparados e ao “potencial” das zonas indeterminadas, as personagens atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê desse fato liga-se, na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional. Assim, o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades (CANDIDO, 1985: 46).

É da relação-ação entre as personagens que surge a trama, e isso é mais verdade na telenovela que deve ser conduzida de modo a manter vivo o interesse do espectador por meses. A relação com os *posts* se dava pela identificação com a situação vivida pela personagem, seja pela condição física idêntica, seja pelo imaginário sobre a vida que a personagem tinha antes do acidente (ser uma modelo de sucesso) ou pela solidariedade a um ser humano que está passando por um momento difícil, talvez um motivo mais simplista, mas também relevante, tendo em vista que esta solidariedade é fruto da recepção de um produto ficcional. Para que a síntese não resulte em algo irreal/falso, esquemático, uma personagem muito “previsível”, a trama é construída em fases, com picos de dramaticidade, em que as personagens são mais reveladas, adquirindo um aspecto “mais humano”, “de maneira a criar o máximo de complexidade (personagem esférica x plana), de variedade, com um mínimo de traços psíquicos, de atos e de ideias” (CANDIDO, 1985: 62-63).

Em “Viver a vida”, o acesso aos recursos materiais materializou a força de vontade da personagem Luciana em recuperar-se para viver um grande amor. Em outra história, ocorrendo em outra sociedade, talvez a fé religiosa, ou outro aspecto, místico, sobrenatural, servisse como elemento explicativo de uma recuperação da paralisia quase total à gestação de gêmeos, em curto espaço de tempo. Porém, em um contexto de modernidade, a tecnologia é mais relevante, há um movimento ideológico de inserir a população mais ampla no ambiente mais racional, então o argumento

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

muda para o uso de equipamentos tecnológicos, de consumo de produtos.

As relações temporais são sempre elementos-chave nas narrativas ficcionais. Embora se saiba que se trata de ficção, precisa-se de marcadores que auxiliem no entendimento do desenrolar das histórias, e também garantam a verossimilhança, evitando uma desconfiança do espectador-leitor em relação à seriedade da obra, seja ela do gênero que for. No textual, é o tempo verbal que dá força de realidade ao texto, no cinema, o recurso do *flashback*. Na telenovela, o “passado” da personagem é revelado nos diálogos “entre personagens”, lembranças, e os avanços na história, “legendados” com um “x tempo depois (...)” (CANDIDO, 1985).

O salto temporal deixa uma lacuna que é preenchida pelo espectador com as referências empíricas que estiverem “à mão”: uma gravidez leva nove meses, uma permanência de uma personagem no exterior implica experiências diversas, enfim, não sendo de interesse central para a trama, não há necessidade de detalhamento (CANDIDO, 1985: 16).

Pallottini falou em “lei da variação qualitativa e lei da variação quantitativa”⁷. Em “Viver a vida”, para a gestação de Dora (Giovanna Antonelli), o tempo passava devagar, a gestação durava praticamente a novela toda, em tempo real⁸. Enquanto isso, vários conflitos se desenvolviam ao redor de Dora, que era um ponto de ligação e elemento de variação qualitativa no conflito e se estabeleceu entre os núcleos de Búzios e Rio de Janeiro. Ao final, a gravidez de Luciana, representada em saltos temporais, caracterizou-se como uma “variação quantitativa”, promovendo a solução de vários conflitos num movimento qualitativo. Estas passagens constituíam a ação dramática, que dava o tom da ficção, que envolvia as receptoras, independentemente do aspecto das representações feitas do real.

Ao participar do *blog*, as usuárias-receptoras dispunham-se a entrar no mundo ficcional como se fosse um jogo. Quando as pessoas concordam em jogar, aceitam as regras, sem questionar se são justas ou não. Jost (2004:104-112) discorreu sobre a relação ficção e realidade a partir de diversos autores, dos quais tomam-se Searle e Pavel. Para que

⁷ Lei da variação quantitativa: em um texto dramático devem existir conflitos, variados e de toda espécie, subordinados a um conflito central. Estes conflitos devem nascer, instalar-se e crescer, aumentar em quantidade. Lei da variação qualitativa: a variação qualitativa ocorre quando, além de crescer em quantidade, os conflitos sofrem um salto, ficam diferentes, modificam-se (PALLOTTINI, Renata. *Introdução à dramaturgia*. São Paulo: Ática, 1988. p. 49-50).

⁸ Vale lembrar que a atriz Giovanna Antonelli estava grávida na vida real.

a ficção funcione, é preciso que autor e receptor compartilhem interesses e pontos de vista. O autor pode inventar referências a lugares, pessoas, situações, mas tais referências devem ter um fundamento na realidade – ele não pode, por exemplo, dizer que uma personagem se recuperou de um trauma físico da noite para o dia, sem nenhuma explicação, seja mística, seja religiosa ou mecânica.

[...] quando a ficção se torna efetiva, chega um momento em que o receptor trata as situações narrativas inéditas como trataria toda e qualquer informação nova, fictícia ou não: tentando simplesmente trazer o desconhecido ao conhecido e, ao fazê-lo, reduzir a distância entre eles a uma simples diferença (JOST, 2004: 103).

4. Mulheres, ficção, identidade e representação

“Uma das funções capitais da ficção: nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres” (CANDIDO, 1985: 64). Por muito tempo, pensou-se a ficção, em especial a telenovela, como espaço de “escapismo”, um produto estereotipado como sendo “para mulheres”. Novela era “apenas” dramatização do cotidiano, este visto como instância “menos nobre” da vida em sociedade. Porém, cada vez mais se nota que as narrativas ficcionais diariamente televisionadas constituem parte dos cotidianos, colaborando na constituição das identidades de uma população com limitações de acesso a bens culturais.

A narrativa das telenovelas nos entrega representações a partir das quais significados são produzidos, “posicionando [cada um] como sujeito”, auxiliando o indivíduo a dar sentido à sua experiência e àquilo que ele é (SILVA, 2009: 17). Os discursos presentes nos comentários aos *posts* do *blog* deixaram claro o estabelecimento de uma identidade, de receptoras, a partir da diferença. Tendo por princípio o simbólico, o mundo ficcional da personagem bonita, rica, que passava por uma situação de sofrimento, as receptoras aceitavam a recuperação amplamente auxiliada por equipamentos e tratamentos especiais – e caros –, se colocando-se como diferentes a partir da posição social e da situação ficcional: “isto só acontece em novela” e “acontece por ela é rica”, sem questionar a viabilidade em uma situação real, de eventual acesso às tratamentos semelhantes, pela questão de direitos de cidadão.

A identificação das receptoras com a personagem Luciana se dava tanto pela semelhança como pela diferença. A passagem da ficção ao real resulta em um embaralhamento entre a ficção e a realidade, que se dá principalmente ao comentarem a deficiência física da personagem (talvez decorrente dos depoimentos ao final da cada capítulo, embora isso não fosse mencionado nem no *blog*, nem nas

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

entrevistas realizadas). É ao identificar-se com a situação da personagem que as pessoas expõem seus dramas e lutas. Os problemas vividos na realidade, as dificuldades com que todos se defrontam muitas vezes na vida, dependendo da amplitude a abrangência, são por vezes relacionadas a acontecimentos irreais – “tão difícil que nem parece que vivi”, principalmente depois de solucionados.

Quando, lendo um romance, dizemos que um fato, um ato, um pensamento são inverossímeis, em geral queremos dizer que na vida real seria impossível ocorrer coisa semelhante. Entretanto, na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida. [...] O que julgamos inverossímil, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, incoerente, em face da estrutura do livro. [...] o funcionamento das personagens depende dum critério estético de organização interna. Se esta funciona, aceitamos inclusive o que é inverossímil em face das concepções correntes (CANDIDO, 1985: 76).

O *blog* torna-se um espaço de reflexão em meio às atribuições do cotidiano, em que pouco, ou quase nada, as pessoas param para refletir sobre o que realmente é importante nos relacionamentos. A tecnologia digital possibilita uma real interação telespectador-produto, “capaz de forjar uma nova cultura de consumo na qual a participação da audiência nos processos criativos das tramas é ponto central” (MÉDOLA & REDONDO, 2009: 146). As narrativas disponibilizadas nos *blogs* coloca aos telespectadores situações que, de certa forma, os levam à reflexão, instigando-os a expor seus pensamentos e opiniões, transformando uma audiência “passiva”, habituada a guardar para si suas impressões.

Isso reforça o que se sabe a respeito da importância da verossimilhança na relação do leitor/receptor com a ficção, que “depende da possibilidade de existência de um ser fictício, a personagem é a concretização de um ser vivo. Para que possa “ser”, a personagem deve concretizar um ser vivo, comunicar uma impressão de uma verdade existencial” (CANDIDO, 1985: 55).

A “mensagem” do “meio” *blog* são as mudanças promovidas pela ampliação ou aceleração dos processos já existentes (McLUHAN, 1995: 22). A mensagem do *blog* é a aproximação entre ficção e realidade, preenchendo uma necessidade de identificação cada vez mais presente na vida cotidiana, complexa e fragmentada das grandes cidades, na modernidade tardia. O *blog* transforma a mensagem televisiva, fomentando uma nova percepção e consciência sobre a existência de cada um como ser humano e, principalmente, suas relações, seu papel na sociedade. A atenção e o respeito aos cadeirantes foi o aspecto social deflagrado nesta obra.

Nas entrevistas, notou-se que os públicos – TV e usuárias do *blog* – são diferentes. Aproximando-se mais do foco do estudo aqui comentado, a recepção do *blog* “Sonhos de Luciana”, ficou claro que existem diferentes públicos para diferentes plataformas. Apenas as mulheres mais jovens acessavam o *blog*, e, mesmo em se tratando de públicos mais interessados no *blog*, não havia uma ampliação do universo ficcional significativa. Pelo contrário, as frequentadoras do *blog* usavam os *posts* publicados para reportarem-se às suas próprias vidas, ou de conhecidos. O *blog* funcionava quase como uma catarse, um espaço de exposição de um sofrimento até então, por algumas, contido.

Junto às mulheres com mais idade, as entrevistadas, a continuidade das tramas era acompanhada, ocasionalmente, pelas revistas de fofocas e nas relações sociais. Aquelas com acesso à Internet buscavam aí os capítulos “perdidos”, na medida em que os filhos permitiam o acesso ao computador, visto serem eles os usuários principais. O acesso ao *blog* “Sonhos de Luciana” se dava mais por curiosidade, “para confirmar se existia mesmo”, do que como parte da experiência de recepção da telenovela. Porém não se tornaram assíduas, embora aprovassem a ideia, considerando ser uma boa divulgação da novela e da proposta da mesma – a conscientização a respeito dos cadeirantes.

[...] eu acessei esses dias e ele ainda “tá” no ar, e eu achei que foi muito legal essa coisa da ficção, montar o *blog* da Luciana, e aquilo podia ter existido só na novela, e não, quando a gente foi procurar existia um *blog* da Luciana personagem mesmo e eu achei aquilo muito legal e realmente têm *posts* lá nesse *blog* de pessoas que passaram pelo mesmo problema. Eu pensei: poxa, que legal, legal pra caramba isso daí, porque podia ser uma coisa que ficasse só na ficção, você poderia dar uma busca lá e não encontrar nada. Mas realmente existia, e acho que aquilo levou as pessoas a se comunicarem muito mais, as pessoas desse núcleo a se comunicarem sobre esse problema, então eu achei muito legal essa coisa do *blog* da Luciana, e ele ainda “tá” no ar.

A ideia de construir um *blog* para a personagem Luciana foi, na minha opinião, importante para discutir o problema enfrentado por ela e ao mesmo tempo se transformou em um meio de contato com a vida particular dela, além do que a televisão permite. Não podemos conversar com o personagem pela televisão, somente assisti-lo (*sic*), e o *blog* ofereceu aos telespectadores a possibilidade de conversar com a Luciana, trocar opiniões e mostrou-se como um excelente meio de mobilização social para a causa dos deficientes físicos em geral [...] O que mais gostei foi o *link* “*Blogs Bacanas*”, que reúne uma gama de *blogs* relacionados ao tetraplégico, uma oportunidade de reunir pessoas de diversas regiões para discutir e trocar experiências.

Ainda que temporária, a televisão, no formato ficção, serve como parâmetro de inserção na sociedade complexa,

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

multifacetada, como se nota nos comentários feitos por mulheres moradoras de grandes centros urbanos com poucos recursos financeiros, ou em cidades muito pequenas, remotas, com deficiências estruturais que dificultam as possibilidades de uma vivência mais rica de experiências socialmente agregadoras – cidades do Norte, Nordeste do País, ou interior dos estados.

O uso das novas tecnologias ainda reproduz os modos de utilização das tecnologias tradicionais – se antes as receptoras escreviam para as revistas de TV, hoje elas entram nos *blogs*. Entretanto, a relação é diferente. Nas revistas, a comunicação se dá (dava) em contexto de comentários – sobre as características, maldade, bondade, das personagens, opiniões sobre os rumos da história. No *blog*, ocorreu um posicio-

namento de “igual para igual”. O contexto do discurso era de dialogia, ou pelo menos “espera-se que”. As usuárias do *blog* escreviam “para” a personagem, e não “sobre” ela.

Da mesma forma que existe uma opacidade do discurso instaurado entre produção e emissão na polissemia do texto, no processo de recepção ativa, na intertextualidade e no papel da mediação da comunicação de massa na sociedade, também são opacas as fronteiras entre ficção e realidade. Mas apenas no aspecto emocional. Ao entrar no âmbito do concreto, do consumo material, as fronteiras se levantam, demonstrando que, ainda que sonhadoras, e carentes de uma maior justiça social, as receptoras estavam cientes de sua realidade material, identificando-se na diferença, não se reconhecendo como cidadãs de direitos.

A recepção da ficção televisiva como espaço de significação e constituição de identidades: nos limites entre o real e o ficcional

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem – discursos e ciência*. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1985. p. 51-80.
- FIGUEROA, Alexandre & FECHINE, Yvana. “Produção ficcional brasileira no ambiente de convergência: experiências sinalizadoras a partir do Núcleo Guel Arraes” In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. São Paulo: Globo Universidade, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IGARZA, Roberto. *Nuevos médios – estrategias de convergencia*. Buenos Aires: La Crujia, 2008.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.
- LEMONS, André. *Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LOPES, Maria Immacolata V. de. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. *Alceu – Revista de Comunicação, Cultura e Política*, v. 10, n. 20, p. 5-15, Rio de Janeiro, jan/jun, 2010.
- MC LUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem (understanding media)*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MARCONDES FILHO, Ciro J. R. Alice no país do videodrome: de como os receptores foram tragados pela interatividade da comunicação eletrônica. *Novos Olhares*, v. 2, n. 4, p. 4-11, São Paulo, 2º semestre, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- _____. Prefácio à 5. edição castelhana. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- _____. *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi & REDONDO, Léo Vitor Alves. Interatividade e pervasividade na produção da ficção televisiva brasileira no mercado digital. *Matrizes*, ano 3, n. 1 ago/dez, 2009.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck – o futuro da narrativa no ciberespaço*. Tradução de Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Unesp/Itaú Cultural, 2003.
- PALLOTTINI, Renata. *Introdução dramaturgia*. São Paulo: Ática, 1988.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SLATER, Don. *Cultura do consumo & modernidade*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.
- SOUSA, Mauro Wilton de. Novos cenários no estudo da recepção mediática. In: TRIVINHO, Eugênio & LOPES, Dirceu Fernandes. *Sociedade mediática – significação, mediações e exclusão*. Santos: Leopoldinum, 2000.
- MOTTER, Maria Lourdes. O fim do mundo: ordem e ruptura. In: XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Paper* apresentado no GT – Ficção televisiva seriada. Londrina: Universidade Estadual de Londrina – UEL/Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 1996.
- TONDATO, Marcia Perencin. Uma perspectiva teórica sobre consumo e cidadania na contemporaneidade. *Conexiones – Revista Iberoamericana de Comunicación*, v. 2, n. 2, p. 5-18, Barcelona, 2010.
- _____. *Um estudo das telenovelas brasileiras exportadas: uma narrativa aceita em países com características sócias e culturais diversas das brasileiras*. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: Umesp.
- VILCHES, Lorenzo. *A migração digital*. Tradução de Maria Immacolata V. de Lopes. São Paulo: Loyola, 2003.